

DOSSIÊ

ARQUITECTOS ITALIANOS EM PORTUGAL

Ao longo dos seus quase 90 anos de vida, Estudos Italianos em Portugal tem vindo a dedicar estudos de referência às relações entre Portugal e Itália nos domínios da história da arte, das artes e da arquitectura. Era tempo de consagrar um número desta histórica revista, especificamente, à presença de Arquitectos italianos em Portugal.

O tema convoca uma corrente pujante e ininterrupta ao longo dos séculos, por percursos que atravessam Portugal de lés-a-lés—ao que ainda se acrescentam as ex-colónias. Põe em relevo, de forma palmar, a dinâmica dos contactos entre Portugal e Itália, reafirmando o que se passa em tantos outros campos disciplinares através da materialidade do edificado.

*Com efeito, os arquitectos italianos que chegam a Portugal não se limitam a transportar modelos construtivos, modalidades de uso dos materiais ou opções de inserção urbana, para que sejam replicados *ipsis verbis*, como se tal fosse possível. Deve-se a um semiólogo italiano, Emilio Garroni, o desenvolvimento do princípio da heterogeneidade dos sistemas. A diversidade de proveniência dos elementos sistémicos é não só condição da comunicação, como também índice da sua riqueza. A área da arquitectura e os intercâmbios proporcionados pelo trabalho realizado em Portugal por arquitectos italianos mostra bem como elementos de origem italiana, transportados na bagagem que*

consigo traz o viajante que desembarca da malaposta, do comboio ou do avião, conforme as épocas, se intersectam com técnicas de construção locais e funções de uso ou redes de encomendadores que implicam a sua reelaboração específica. Assim vão ganhando outros sentidos, numa contextura renovada que descarta a ideia de influência. Fruto desse diálogo, quem vem de Itália usufrui de uma oportunidade de pôr à prova os seus modelos num outro terreno, ao passo que o edificado é proficuamente enriquecido pela intersecção com contributos inovadores, vinculados a um primado europeu.

A transversalidade de cruzamentos que organiza este dossiê articula-se em torno da noção de contemporâneo, no sentido que Giorgio Agamben lhe dá. Se, conforme nota este pensador, toda a arte é contemporânea, na medida em que a sua apreensão requer um distanciamento crítico e uma não-coincidência que compreende necessariamente a história, tanto são nossos contemporâneos os mestres sem nome das construções franciscanas, como Andrea Sansovino ou, avançando no tempo, Aldo Rossi e Vittorio Gregotti.

Já nos séculos XIII e XIV a edificação de conventos da Ordem dos Frades Menores, em espaço urbano ou periurbano, atesta uma intervenção de matriz italiana. Nela se projectam ideais que Francisco Pato de Macedo identifica com a transferência dos princípios basilares da Ordem para solo português.

É com os alvares do Renascimento que no século XVI começam a chegar a Portugal arquitectos dotados de um verdadeiro rosto. O primeiro nome de relevo é o de Andrea Sansovino, artista cuja estadia foi documentada por Rafael Moreira. No artigo que dedica ao assunto, este historiador fundamenta uma rede de conexões que permite estender o alcance e as repercussões da sua intervenção a domínios até agora impensados. Cerca de um quarto de século depois, é Francesco da Cremona a viajar para Portugal, integrado no séquito de D. Miguel da Silva. Agente-chave da implantação dos modelos romanos, a sua intervenção em Viseu e na Foz do Douro é estudada por José Ferrão Afonso.

Num momento mais adiantado do século XVI, um fluxo de arquitectos com formação em engenharia militar responde a necessidades de ordem especificamente defensiva. O seu contributo para a construção de fortificações na costa do Norte de África, na Madeira e muito possivelmente em território metropolitano é explanada por Jorge Correia. Também a vinda de Filippo Terzi se ligava primordialmente a esse mesmo domínio, apesar de logo lhe serem conferidas incumbências no campo da edificação cívica e religiosa. A evolução do estatuto do arquitecto, verificada desde o tempo de Sansovino, leva Domingos Tavares a constatar que são conferidas a Terzi condições, para o exercício da sua actividade, até então nunca oferecidas a outro arquitecto.

Atingida uma fase de maturação do Classicismo, no século XVII os modelos italianos adquirem um prestígio tal que arquitectos que nunca viajaram, no terreno, até Portugal, são passageiros de uma outra viagem que tem por veículo o tratado e o desenho. É esse o caso de Andrea del Pozzo, cujo contributo para a consolidação do geometrismo das grandes arquitecturas barrocas é ilustrado por João Cabeleira.

O alargamento das áreas de intervenção confiadas a arquitectos italianos e o significativo aumento dos fluxos migratórios a que se assiste, a partir do século XVIII, abrem ao investigador um campo tão vasto como aliciente. Da perspectiva panorâmica traçada por Giuseppina Raggi para este século, sobressaem nomes como Juvarra, Canevari, Nasoni, Clerici, Servandoni, Bibiena, Landi, Azzolini ou Fabri, pelo seu contributo fundamental para a renovação da arquitectura portuguesa. As honrarias com que Filippo Juvarra é recebido indiciam as expectativas despertadas. Com efeito, o projecto de reestruturação que traça para Lisboa assenta numa visão integrada que Walter Rossa mostra corresponder a um avanço tal, na planificação urbana portuguesa, que serviu de precedente a Manuel da Maia. Quanto à estadia de Giuseppe Antonio Landi, no período que medeia entre a sua chegada e a sua partida para o Brasil, novos documentos descobertos por Rui Lobo e Giuseppina Raggi permitem atestar a

sua direcção da fábrica do Seminário de Coimbra. Corroborando a análise da obra levada a cabo por estes críticos. Pela mesma altura, e até talvez na mesma jornada, viaja para Portugal Giovanni Carlo Sicinio Bibiena. Ao elencar os teatros régios que construiu e remodelou e os cenários que desenhou para espectáculos neles levados à cena, ao que acrescenta os projectos concebidos para a Lisboa destruída pelo terramoto de 1755, Miguel Gomes Januário evidencia a amplitude da sua intervenção. Um outro arquitecto italiano da mesma época atraído por Portugal, Giovanni Antinori, revela-se autor da remodelação de uma até agora desconhecida Ópera da Estrela, fruto da documentação que José Camões traz à luz. Era gerida por aquele Pedro António Avondano, nascido em Lisboa, filho do violinista genovês Pietro Giorgio Avondano.

No século seguinte, a intervenção de arquitectos italianos em todas essas áreas mantém-se, conforme o mostra Teresa Cunha Ferreira. Alarga-se porém a outros domínios, como a construção escolar, com Cesare Ianz e Nicola Bigaglia, encontrando em Sebastiano Giuseppe Locati um projectista para habitação cuja obra essa estudiosa igualmente indaga. Giuseppe Cinatti é outro arquitecto italiano de renome que se estabelece em Portugal para trabalhar como cenógrafo, desenvolvendo além disso muitos projectos de remodelação de interiores, de construção de palacetes e de restauro e renovação de monumentos. Com o roteiro da obra deste artista italiano, indissociável da queda de uma torre nos Jerónimos, Joana Cunha Leal vem dar um contributo programático para a remissão da sua imagem.

Com o século XX abre-se uma nova época, marcada pelo estreitamento do diálogo mantido com os grandes arquitectos do Novecento italiano. Quer a vertente racionalista de Terragni, Libera, Moretti e Giò Ponti, quer a vertente monumentalista representada por Giovanni Muzio, Marcello Piacentini e toda a escola romana são seguidas de perto. A sintonia entre os regimes políticos instaurados em Portugal e Itália favorecia os contactos, mas o simbolismo dessa arquitectura, que não é intrínse-

co ao edificado, não se pode sobrepor ao seu valor. Os resultados de uma tal aproximação são expostos pela visão panorâmica de Elisa Pegorin. Miguel Correia, por sua vez, incide sobre o impacto da monumentalidade mussoliniana no programa de Salazar.

Para o pós segunda guerra, há que ter em conta as alterações introduzidas pela sociedade da comunicação, com o incremento das viagens, a realização de congressos, a circulação de livros e revistas editados em Itália, a tradução e a expansão dos mass media. Não é possível compreender a revisão do movimento moderno, nos termos em que se opera em Portugal, à margem das intervenções de Carlo Aymonino ou Ludovico Quaroni. Mais uma vez, a questão da diversidade de regimes políticos, entre ditadura e democracia, não obsta ao diálogo, antes o complexifica. Nele participaram, do lado português, arquitectos como Nuno Portas ou Nuno Teotónio Pereira.

Aliás, é no âmbito dos congressos ibéricos planeados por Nuno Portas e Oriol Bohigas que irá ocorrer o primeiro e decisivo encontro entre Vittorio Gregotti e Álvaro Siza. Nuno Grande desenvolve o itinerário de um convívio que, depois de 1974, levará à participação de Gregotti em vários projectos, com relevo para o Centro Cultural de Belém. A partir da década de 1960, as relações com a arquitectura italiana processam-se, em particular, através das escolas milanesa e veneziana, da tendença e das intersecções culturalistas que então se desenvolveram. José Miguel Rodrigues, retomando as prelecções de Giorgio Grassi na Faculdade de Arquitectura do Porto, descreve o rasto deixado pela tradução da sua obra, bem como o legado que passou a gerações mais jovens. Por sua vez, Jorge Figueira colhe as marcas deixadas por Aldo Rossi em Portugal, firmando e explorando um percurso que se estende, do campo teórico e da obra construída, aos seus ecos historiográficos.

A série de artigos contidos neste dossiê que compreende também dois ensaios de desenvolvimento, segue-se o testemunho que três arquitectos italianos actualmente residentes em Portugal ti-

veram a amabilidade de fornecer a Estudos Italianos em Portugal, Francesco Marconi, Michele Cannatà e Nadir Bonaccorso.

Assim se completa um itinerário denso e corposo, à escala do tema deste dossiê, e que, no distanciamento crítico da sua leitura, inscreve indelevelmente a actividade de todos estes arquitectos italianos que viajaram até Portugal na nossa contemporaneidade.

Rita Marnoto